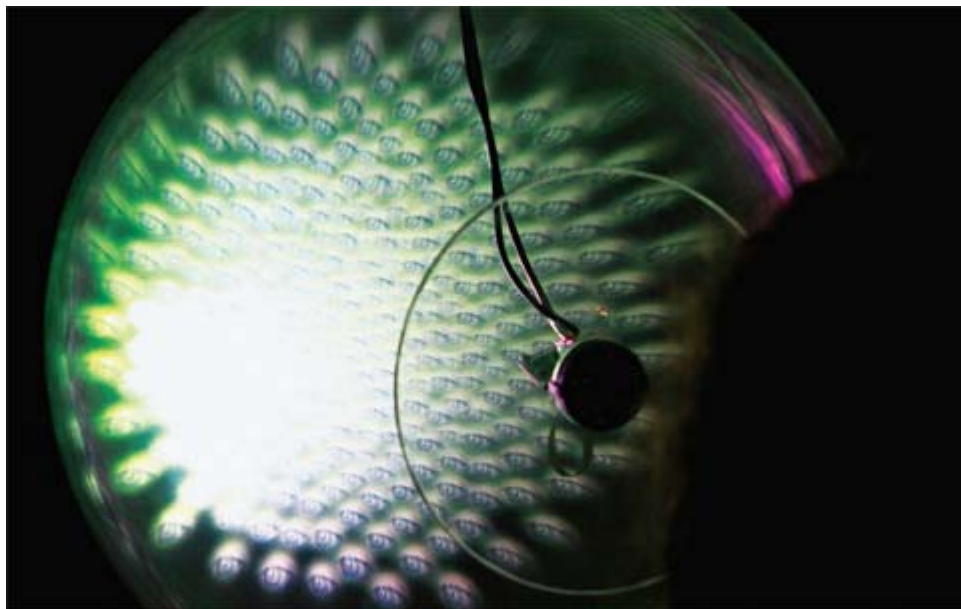


Tempo instável

Paula Alzugaray

Exposição conta a história das relações entre arte e técnica no Brasil e situa a instabilidade como qualidade comum entre arte digital e interativa

Téckne/ Museu de Arte Brasileira – Faap, SP/ até 12/12

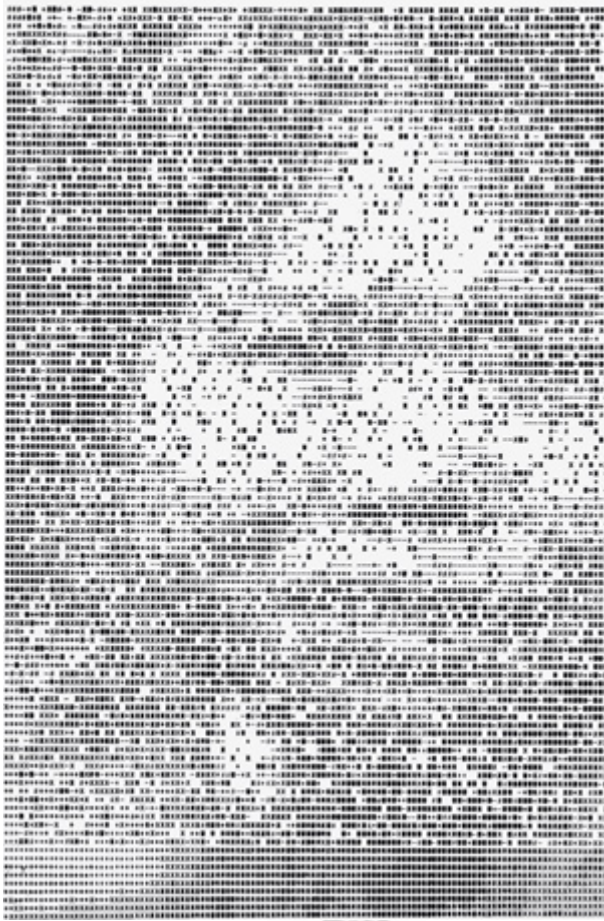


MUNDO CODIFICADO

Obras de Anaisa Franco (acima) e Waldemar Cordeiro (abaixo) propõem novos modelos de retratos

Quando Julio Le Parc deixou as tintas para trabalhar fundamentalmente com a luz, o movimento e a participação do público, ele tinha uma preocupação em mente: a instabilidade da vida cotidiana. Membro do grupo de artistas sul-americanos que se estabeleceu em Paris na década de 1950 e desempenhou papel importante no lançamento da arte cinética na Europa, Le Parc esteve em São Paulo para a montagem da mostra "Téckne". "Chamam minha obra de cinética, mas as definições limitam a obra de arte. A técnica nunca foi meu motor. A tecnologia que uso sempre foi muito elementar. Minha preocupação era criar uma obra instável e para isso fui buscar a luz", diz o artista.

O duplo mérito dessa curadoria compartilhada entre Denise Mattar e Christine Mello é, por um lado, realizar um trabalho arqueológico, arquivístico e histórico – ela revisita as cinco principais mostras de arte e tecnologia realizadas pelo MAB-Faap entre 1964 e 1986 –, mas também atualizar as questões do passado em um significativo conjunto de obras contemporâneas. Trata-se, portanto, de seis mostras em uma.



“Lumière en Mouvement”, concebida por Le Parc em 1964 para a mostra “A Instabilidade”, funciona como um farol ou fio condutor da exposição. Remontada sob formas diversas nas últimas décadas, a instalação é a mais pura expressão do conceito da primeira mostra revisitada. A segunda a ser lembrada, “Arteônica”, de 1971, teve curadoria de Waldemar Cordeiro e é considerada uma das primeiras exposições de arte computacional de São Paulo. Logo vem “O Objeto na Arte Brasil Anos 60”, de 1978. “A assimilação do objeto como nova categoria artística sinalizou uma abertura de caminho para as novas mídias que começaram a surgir”, explica Denise.

Essas novas mídias são o carimbo, o xerox, a arte postal e o vídeo, contemplados na mostra “Arte Novos Meios – Multimeios: Brasil 70/80”, de 1985, que empreendeu um primeiro esforço de historiografar a videoarte brasileira, apresentando desde o antológico vídeo “Passagens”, de Annabella Geiger, ao raro “Olinda”, de Regina Vater e Paulo Bruscky.



NOVA ÓTICA

Luzes em movimento, na obra de Le Parc

A segunda metade da mostra é formada por um expressivo núcleo contemporâneo, com obras de artistas como Ana Maria Tavares, Anaisa Franco, Lucas Bambozzi e a dupla Rejane Cantoni e Leonardo Crescenti. Seus trabalhos efetivamente se enquadram no grande conceito regente da mostra, criando situações tão instáveis, desconcertantes e radicais quanto uma tempestade meteorológica provocada por ondas sonoras, caso de "Tormenta Azul Brillhante", de Luis Duva, e a desconstrução do eixo histórico e arquitetônico de Brasília, no vídeo "Eixo X", de Alexandre Rangel e Rodrigo Paglieri.

Fonte: Istoé, 22 set. 2010. Disponível em: <<http://www.istoe.com.br>>. Acesso em: 23 set. 2010.